

Jesus, a Nova Aliança e o Novo Templo, a partir de Jo 2,1-22

*Jesus, the New Covenant and the New Temple,
from Jn 2,1-22*

*Waldecir Gonzaga
Bruno Guimarães de Miranda*

Resumo

O presente artigo articula as perícopes das bodas de Caná e da expulsão dos vendilhões do Templo, que aparecem logo nos inícios do Evangelho de João (Jo 2,1-22), e mostra as conexões entre elas. À primeira vista, os dois episódios não parecem ter afinidades marcantes. Ainda na Galileia, Jesus realiza seu primeiro sinal: supre a escassez de vinho em um casamento ao mudar em vinho a água das talhas para purificação. Depois de um versículo aparentemente sem importância, sobre sua breve permanência na Galileia com os seus irmãos e discípulos, o relato apresenta Jesus pela primeira vez em Jerusalém. No Templo, liberta os animais destinados ao sacrifício, expulsa os vendilhões e denuncia a corrupção daquela que deveria ser casa de oração, mas tornara-se casa de comércio. Com o auxílio do método da Análise Retórica Bíblica Semítica, percebem-se correlações entre os dois textos, que, não por acaso, estão situados um após o outro. Ambos anunciam a novidade trazida por Jesus, portador da nova aliança e cujo corpo constitui o novo templo. A análise ajuda a reconhecer também afinidades com outros trechos do IV Evangelho, como o batismo de Jesus, o discurso do bom pastor e a entrega de Jesus na cruz.

Palavras-chave: Caná. Aliança. Vinho. Templo. Vendilhões.

Abstract

The present article articulates the pericopes of the wedding at Cana and the expulsion of the moneychangers from the Temple, which appear right at the beginning of the Gospel of John (Jn 2,1-22), and shows the connections between them. At first glance, the two episodes do not seem to have striking affinities. Still in Galilee, Jesus performs his first sign: supply the wine shortage at a wedding by changing into wine the water in the waterpots for purification. After an apparently irrelevant versicle, about his brief stay in Galilee with his brothers and disciples, the account presents Jesus for the first time in Jerusalem. In the Temple, he frees the animals destined for sacrifice, expels the moneychangers and denounces the corruption of what should have been a house of prayer, but had become a house of merchandise. With the support of the Semitic Biblical Rhetoric Analysis method, correlations are noticed between the two texts, which, not by chance, are located one after the other. Both announce the newness brought by Jesus, carrier of the new covenant and whose body constitutes the new temple. The analysis also helps to identify affinities with other passages of the IV Gospel, such as the baptism of Jesus, the speech of the good shepherd and the delivery of Jesus on the cross.

Keywords: Cana. Covenant. Wine. Temple. Moneychangers.

Introdução

O estudo sincrônico do Evangelho segundo João, especialmente conforme o método da Análise Retórica Bíblica Semítica, entre as perícopes, demonstra relações que, de outro modo, não seriam facilmente perceptíveis. O método proporciona leituras capazes de ver ângulos linguísticos que auxiliam enormemente na compreensão do texto, seja no que diz respeito à segmentação, seja para a tradução, crítica textual e estruturação.

Um desses casos se dá logo no início do relato, a partir do primeiro sinal, realizado por Jesus, em Caná da Galileia, quando ele transforma água em vinho (Jo 2,1-22); logo na sequência, o evangelista apresenta Jesus no Templo, durante a festa da Páscoa, expulsando os vendilhões. Textos imediatos aparentemente sem conexão, mas cujo estudo atento revela profundas correlações.

A correlação de tais textos cria também o pano de fundo para os diálogos de Jesus com Nicodemos e com a Samaritana, nos capítulos que seguem (Jo 3-4), e ajuda a esclarecer alguns dos seus temas, a respeito da vida nova no Espírito trazida por Jesus e de como haveria de realizar-se o seu messianismo. A esse respeito, nota-se que os capítulos 2-4, que trazem os inícios do ministério e da revelação de Jesus, provavelmente foram concebidos pelo evangelista como uma unidade, balizados por dois sinais realizados em Caná (2,1.11; 4,54).¹

1. Segmentação e tradução de Jo 2,1-22

A segmentação e a tradução da perícopos de Jo 2,1-22² revelam a beleza e a unidade temática deste texto joanino. Todo o vocabulário empregado para sua construção indica o itinerário e a experiência do autor acerca do amor de Deus e seu valor na vida de todo aquele que decidiu seguir o Cristo. Desencadeada a “hora” de Jesus, que se realizará em Jo 19,30: tudo “τετέλεσται/está consumado, ” desencadeia-se igualmente toda a trama salvífica, que indica uma Nova Aliança e um Novo Templo. Isso tudo ficará ainda mais evidente a partir da aplicação dos critérios do método da Análise Retórica Bíblica Semítica.

Καὶ τῇ ἡμέρᾳ τῇ τρίτῃ γάμος ἐγένετο ἐν Κανὰ τῆς Γαλιλαίας,	1a	E no terceiro dia aconteceu um casamento em Caná da Galileia,
καὶ ἦν ἡ μήτηρ τοῦ Ἰησοῦ ἐκεῖ.	1b	e estava lá a mãe de Jesus.
ἐκλήθη δὲ καὶ ὁ Ἰησοῦς καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ εἰς τὸν γάμον.	2	E Jesus também foi convidado, e seus discípulos, para o casamento.
καὶ ὑστερήσαντος οἴνου λέγει ἡ μήτηρ τοῦ Ἰησοῦ πρὸς αὐτόν.	3a	E tendo faltado vinho, a mãe de Jesus lhe diz:
οἶνον οὐκ ἔχουσιν.	3b	“Não têm vinho.”

¹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 301: “A seção está totalmente sob o signo da novidade: em vez da água da purificação, o vinho novo; em vez do templo, o corpo ressuscitado de Cristo; em vez da água do poço de Jacó, a água da vida; em vez do culto em Jerusalém ou no Garizim, o culto ‘em espírito e verdade.’”

² O texto na língua original grega foi extraído do NT de NESTLE-ALAND (Eds.), Novum Testamentum Graece. Ed. XXVIII.

[καὶ] λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς·	4a	[E] Jesus lhe diz:
τί ἐμοὶ καὶ σοί, γύναι;	4b	“Que há entre mim e ti, mulher?”
οὐπω ἤκει ἡ ὥρα μου.	4c	Ainda não é chegada a minha hora.”
λέγει ἡ μήτηρ αὐτοῦ τοῖς διακόνοις·	5a	Diz sua mãe aos servos:
ὅ τι ἂν λέγῃ ὑμῖν ποιήσατε.	5b	“O que vos disser, fazei.”
	5c	
ἦσαν δὲ ἐκεῖ λίθιναι ὑδρίαὶ ἕξ κατὰ τὸν καθαρισμὸν τῶν Ἰουδαίων κείμεναι, χωροῦσαι ἀνὰ μετρητὰς δύο ἢ τρεῖς.	6	Estavam ali seis talhas de pedra destinadas para a purificação dos judeus, com capacidade para mais ou menos cem litros cada.
λέγει αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς·	7a	Diz-lhes Jesus:
γεμίσατε τὰς ὑδρίας ὕδατος.	7b	“Enchei as talhas de água.”
καὶ ἐγέμισαν αὐτὰς ἕως ἄνω.	7c	E encheram-nas até em cima.
καὶ λέγει αὐτοῖς·	8a	E lhes diz:
ἀντλήσατε νῦν	8b	“Tirai agora
καὶ φέρετε τῷ ἀρχιτρικλίνῳ·	8c	e levai ao mestre sala.”
οἱ δὲ ἤνεγκαν.	8d	E eles levaram.
ὥς δὲ ἐγεύσατο ὁ ἀρχιτρικλίνος τὸ ὕδωρ οἶνον γεγενημένον	9a	E quando o mestre sala provou a água tornada vinho
καὶ οὐκ ᾔδει	9b	e não sabendo
πόθεν ἐστίν,	9c	de onde era
οἱ δὲ διάκονοι ᾔδεισαν οἱ ἠντληκότες τὸ ὕδωρ,	9d	– mas os servos que tinham tirado a água sabiam –,
φωνεῖ τὸν νυμφίον ὁ ἀρχιτρικλίνος	9e	o mestre sala chama o noivo
καὶ λέγει αὐτῷ·	10a	e lhe diz:
πᾶς ἄνθρωπος πρῶτον τὸν καλὸν οἶνον τίθησιν	10b	“Todo homem dispõe primeiro o vinho melhor
καὶ ὅταν μεθυσθῶσιν τὸν ἐλάσσω·	10c	e quando estão embriagados, o inferior.
σὺ τετήρηκας τὸν καλὸν οἶνον ἕως ἄρτι.	10d	Tu guardaste o vinho melhor até agora.”

Ταύτην ἐποίησεν ἀρχὴν τῶν σημείων ὁ Ἰησοῦς ἐν Κανὰ τῆς Γαλιλαίας	11a	Este primeiro dos sinais ³ Jesus o fez em Caná da Galileia
καὶ ἐφάνερωσεν τὴν δόξαν αὐτοῦ,	11b	e manifestou a sua glória,
καὶ ἐπίστευσαν εἰς αὐτὸν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ.	11c	e os seus discípulos creram nele.
Μετὰ τοῦτο κατέβη εἰς Καφαρναοὺμ αὐτὸς καὶ ἡ μήτηρ αὐτοῦ καὶ οἱ ἀδελφοὶ [αὐτοῦ] καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ	12a	Depois disso desceu para Cafarnaum ele e sua mãe e seus irmãos e seus discípulos
καὶ ἐκεῖ ἔμειναν οὐ πολλὰς ἡμέρας.	12b	e ali permaneceram não muitos dias.
Καὶ ἐγγὺς ἦν τὸ πάσχα τῶν Ἰουδαίων,	13a	E estava próxima a Páscoa dos judeus,
καὶ ἀνέβη εἰς Ἱεροσόλυμα ὁ Ἰησοῦς.	13b	e subiu Jesus para Jerusalém.
Καὶ εὔρεν ἐν τῷ ἱερῷ τοὺς πωλοῦντας βόας καὶ πρόβατα καὶ περιστεράς καὶ τοὺς κερματιστὰς καθημένους,	14	E encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados,
καὶ ποιήσας φραγέλλιον ἐκ σχοινίων πάντας ἐξέβαλεν ἐκ τοῦ ἱεροῦ τὰ τε πρόβατα καὶ τοὺς βόας,	15a	e tendo feito um chicote de cordas expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois,
καὶ τῶν κολλυβιστῶν ἐξέχεεν τὸ κέρμα	15b	derrubou as moedas dos negociantes

³ Uma tradução mais literal para a expressão ἀρχὴν τῶν σημείων é “início dos sinais”. Segundo ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo della Vita, p. 75, “o termo *início* (*archê*) é mais rico que *primeiro* (*prôton*) e significa a origem”; SCHNACKENBURG, R. II Vangelo di Giovanni, p. 455, fala de “ponto de partida”; segundo LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João I, p. 165-166, tem como intenção indicar “o início do ministério público” de Jesus, que se toma “o protagonista da ação, por uma obra que João declara ser a primeira”. O termo “sinal/sinais” é muito comum no Antigo Testamento também, sobretudo se se compara com a versão da LXX. BEASLEY-MURRAY, G. R. John, p. 33.

καὶ τὰς τραπέζας ἀνέτρεψεν,	15c	e virou as mesas,
καὶ τοῖς τὰς περιστεράς πωλοῦσιν εἶπεν·	16a	e disse aos vendedores de pombas:
ἄρατε ταῦτα ἐντεῦθεν,	16b	“Tirai estas coisas daqui,
μὴ ποιεῖτε τὸν οἶκον τοῦ πατρός μου οἶκον ἐμπορίου.	16c	não façais da casa do meu Pai casa de comércio.”
ἐμνήσθησαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ὅτι γεγραμμένον ἐστίν·	17a	Seus discípulos lembraram que está escrito:
ὁ ζήλος τοῦ οἴκου σου καταφάγεται με.	17b	“O zelo de tua casa me consumirá.”
Ἀπεκρίθησαν οὖν οἱ Ἰουδαῖοι	18a	Responderam então os judeus
καὶ εἶπαν αὐτῶ·	18b	e lhe disseram:
τί σημεῖον δεῖκνύεις ἡμῖν	18c	“Que sinal nos mostras
ὅτι ταῦτα ποιεῖς;	18d	pelo qual fazes estas coisas?”
ἀπεκρίθη Ἰησοῦς	19a	Respondeu Jesus
καὶ εἶπεν αὐτοῖς·	19b	e lhes disse:
λύσατε τὸν ναὸν τούτων	19c	“Destruí este santuário
καὶ ἐν τρισὶν ἡμέραις ἐγερῶ αὐτόν.	19d	e em três dias o levantarei.”
εἶπαν οὖν οἱ Ἰουδαῖοι·	20a	Disseram, então, os judeus:
τεσσεράκοντα καὶ ἕξ ἔτεσιν οἰκοδομήθη ὁ ναὸς οὗτος,	20b	“Em quarenta e seis anos foi construído este santuário,
καὶ σὺ ἐν τρισὶν ἡμέραις ἐγερεῖς αὐτόν;	20c	e tu em três dias o levantarás?”
ἐκεῖνος δὲ ἔλεγεν περὶ τοῦ ναοῦ τοῦ σώματος αὐτοῦ.	21	Mas aquele falava a respeito do santuário do seu corpo.
ὅτε οὖν ἠγέρθη ἐκ νεκρῶν,	22a	Quando, então, foi levantado dos mortos,
ἐμνήσθησαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ	22b	os seus discípulos lembraram
ὅτι τοῦτο ἔλεγεν,	22c	isto que dizia,
καὶ ἐπίστευσαν τῇ γραφῇ καὶ τῷ λόγῳ	22d	e creram na Escritura e na palavra
ὃν εἶπεν ὁ Ἰησοῦς.	22e	que disse Jesus.

2. Justificativas de tradução

Nos **v.1b** e **v.6**, respectivamente, traduzimos: “ἦν ἡ μήτηρ τοῦ Ἰησοῦ ἐκεῖ/estava lá a mãe de Jesus” e “ἦσαν δὲ ἐκεῖ λίθιναι ὑδρῖαι ἔξ/estavam lá seis talhas de pedra”, em paralelo, a fim de mostrar, como se verá à frente, no comentário exegético, que a mãe de Jesus representa o Israel que espera o Messias e o reconhece, e já estava lá quando Jesus chega, como também estavam lá as talhas de pedra, representantes das estáticas e imóveis instituições de Israel, que não por acaso estão vazias, mas serão enchidas da água que se tornará o vinho novo. Isso indica que “a mãe de Jesus” participa do cotidiano de sua vida, inclusive do início de seus sinais (Jo 2,1-12) até fim, aos pés da cruz (Jo 19,25-27),⁴ mas igualmente que tinha “um relacionamento mais estreito com a família, na qual se celebravam as bodas.”⁵

Ainda no **v.6**, preferimos traduzir “χωροῦσαι ἀνὰ μετρητὰς δύο ἢ τρεῖς / com capacidade para mais ou menos cem litros cada”, em vez de “contendo”, pois pelo texto não é possível saber se estavam cheias, esse dado não é afirmado. O verbo “χωρέω /ter, encontrar espaço” tem uma ampla gama de possibilidades de sentido (Jo 8,37),⁶ e seu participio presente “χωροῦσα/ter espaço para” pode, então, comportar essa tradução. A descrição do evangelista parece ser sobre a capacidade das referidas talhas, destacando o seu tamanho e peso, mas não sobre o fato de estarem cheias. A confirmar essa percepção, o fato de que Jesus manda enchê-las. O mais provável, portanto, é que estivessem vazias.⁷

Nesse mesmo segmento, “μετρητὰς δύο ἢ τρεῖς/duas ou três medidas”, a tradução comum como “100 litros” parece-nos uma boa opção,⁸ já que cada medida equivale a 40 litros aproximadamente.⁹ Assim, teríamos de 80 a 120 litros cada. A informação imprecisa demonstra como o dado em questão não

⁴ ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo della Vita, p. 72; PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 242; ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni. Vol 1: 1,1–12,50, p. 126; MALZONI, C. V., Evangelho Segundo João, p. 77.

⁵ BOOR, W., Evangelho de João I, p. 72; BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 101.

⁶ “Οἶδα ὅτι σπέρμα Ἀβραάμ ἐστε· ἀλλὰ ζητεῖτέ με ἀποκτεῖναι, ὅτι ὁ λόγος ὁ ἐμὸς οὐ χωρεῖ ἐν ὑμῖν /Sei que sois descendência de Abraão; mas procurais matar-me, pois a minha palavra não encontra espaço em vós”.

⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 19.

⁸ BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João. Vol 1(1-12), p. 292.

⁹ SCHNACKENBURG, R. Il Vangelo di Giovanni, p. 466

precisa ser específico.¹⁰ Fica claro apenas que as talhas são grandes e pesadas, indicando a extraordinariedade do fato, realizado sob os olhos de todos, ainda que não tenham visto quem e como.

No **v.9a**, traduzimos a expressão “τὸ ὕδωρ οἶνον γεγενημένον/a água tornada vinho”, exatamente como o texto na língua original, com o particípio perfeito de “γίνομαι/tornar-se”, e não “água transformada em vinho”, como é comum em várias traduções. O verbo “γίνομαι/tornar-se”, comum em todas as Escrituras, é bastante frequente no Evangelho de João, com sentidos variados e até corriqueiros (“aconteceu que”, “houve”, “ocorreu”...), inclusive na perícope em estudo, em Jo 2,1a: “γάμος ἐγένετο /aconteceu um casamento”. Por isso mesmo, o fato de o autor não ter escolhido outro verbo parece apontar para a simplicidade da tradução, como aconteceu com o sinal narrado. De fato, o evento foi de tal modo discreto que nem o mestre sala se deu conta do que ocorrera, como provavelmente muitos dos presentes (inclusive, alguns já embriagados); apenas os servos que tiraram a água sabiam. Há outras passagens no Novo Testamento com o verbo “μεταμορφόω /transformar-se”, tanto em relatos da transfiguração de Jesus (Mt 17,2; Mc 9,2), como nas cartas de Paulo (Rm 12,2; 2Cor 3,18). João não faz uso desse verbo nem de outros semelhantes. Usa um verbo corriqueiro, talvez a fim de destacar a discrição desse primeiro sinal, sem efeitos retumbantes.

No **v.10b.d**, optamos por traduzir no grau comparativo a expressão repetida “τὸν καλὸν οἶνον/o vinho melhor”, da queixa do mestre sala ao noivo. O adjetivo “καλός/bom, belo” indica qualidade, e pode ter significado relacionado ao aspecto ético ou ao aspecto estético. Não é difícil perceber que “belo vinho” não é uma boa tradução para a perícope em questão, pois não traduziria o sentido apropriado de um vinho de qualidade. Algumas traduções trazem “vinho bom”, o que parece ser uma boa tradução. Mas a tradução que nos parece mais adequada é “vinho melhor”, como é a opção de algumas traduções, na medida em que o adjetivo em questão, “καλὸν/bom, belo”, não possui grau comparativo, diferentemente de “ἀγαθός/bom”, por exemplo, que contém os adjetivos comparativos “κρεῖττον ou κρεῖσσον/melhor”. Assim, nas ocorrências do adjetivo “καλός/bom, belo”, é preciso optar por traduzir como *bom/belo* ou *melhor*. A análise dos casos parece indicar que, se o próprio texto comporta uma comparação, o grau comparativo se

¹⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 215: “Quando Jo quer evitar que se atribua valor simbólico às cifras, põe valor aproximado (2,6)”.

impõe, ou ao menos é preferível.¹¹ É justamente o que ocorre na perícopie em estudo, pois o mestre sala compara as duas qualidades do vinho, e, inclusive, o outro vinho está no grau comparativo, “τὸν ἐλάσσω/ο inferior”, v.10c.

A palavra que traduzimos por “vendedores”, particípio presente do verbo “πωλέω/vender”, aparece em duas ocorrências, nos v.14 e v.16a, no acusativo e no dativo, respectivamente: no v.14, Jesus encontrou no Templo os “πωλοῦντας/vendedores” dos animais; e no v.16a, disse aos “πωλοῦσιν/vendedores” de pombas que tirassem tudo aquilo dali. Essa tradução não oferece dificuldades, e sendo um particípio presente, poderia ser traduzido “os que vendem/vendiam”, como é opção recorrente; mas havendo o adjetivo respectivo em português, preferimos fazer uso desse recurso, e traduzir por “vendedores”. Procuramos cuidar de manter o paralelismo, repetindo na tradução a palavra repetida no texto grego.

Pela mesma razão, a fim de preservar o paralelismo, procuramos utilizar termos diferentes para traduzir os sinônimos do texto grego no v.14 e no v.15b. No primeiro caso, Jesus encontrou os “κερματιστὰς/cambistas” sentados, e no segundo, derrubou as mesas dos “κολλυβιστῶν/negociantes”. Note-se que “κερματιστής” e “κολλυβιστής” têm o mesmo significado. Se o evangelista optou por usar tais termos diferentes em versículos tão próximos, pareceu-nos apropriado manter a distinção, utilizando também sinônimos em português, em vez de recorrer à mesma tradução para as duas ocorrências.

Quando questionado pelos judeus sobre algum sinal que justificasse sua conduta, Jesus responde, no v.19cd: “Destruí ‘τὸν ναὸν τοῦτου/este santuário’ e em três dias o levantarei.” *Santuário* parece-nos, no caso, uma tradução mais apropriada que *Templo*, por ser uma palavra mais genérica em português, como é o caso do termo grego em questão, “ναός/santuário”. Assim, *templo* foi a tradução que adotamos para o termo mais específico “ιερόν/templo”, com duas ocorrências na perícopie, no v.14 e no v.15a.

¹¹ Mc 9,43 (45.47; =Mt 18,8-9): “Καὶ ἐὰν σκανδαλίῃ σε ἡ χεὶρ σου, ἀπόκοπον αὐτήν· καλὸν ἐστὶν σε κυλλὸν εἰσελθεῖν εἰς τὴν ζωὴν ἢ τὰς δύο χεῖρας ἔχοντα ἀπελθεῖν εἰς τὴν γέενναν, εἰς τὸ πῦρ τὸ ἄσβεστον/se tua mão te escandaliza, arranca-a; melhor é para ti entrar mutilado para a vida do que com as duas mãos ir para a geena, para o fogo inextinguível”; Mc 14,21 (=Mt 26,24): “οὐαὶ δὲ τῷ ἀνθρώπῳ ἐκεῖνο δι’ οὗ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου παραδίδοται· καλὸν αὐτῷ εἰ οὐκ ἐγεννήθη ὁ ἀνθρώπος ἐκεῖνος/ai daquele homem por meio de quem o Filho do Homem é entregue; melhor seria para aquele homem não ter nascido.”

No **v.22a**, preferimos traduzir o recorrente verbo “ἐγείρω/*levantar*”, que aparece no indicativo aoristo passivo “ἠγέρθη/*foi levantado*”, mantendo a tradução mais comum nas demais passagens, em vez de optar por “ressuscitou” ou “foi ressuscitado”, também apenas por uma questão de manter o paralelismo. Ademais, não há dúvidas de que a expressão “ἠγέρθη ἐκ νεκρῶν/*foi levantado dos mortos*”, do v. 22a, refere-se à ressurreição de Jesus. Portanto, a opção de tradução “foi levantado dos mortos” não comporta nenhum prejuízo à compreensão do texto, e preserva melhor, no nosso entender, a fidelidade ao texto grego.

Por fim, no **v.22c**, mantivemos a tradução do verbo “λέγω/*dizer*” no indicativo imperfeito, como está no texto grego: “ἔλεγεν/*dizia*”. É comum as traduções trazerem, nesse v.22, o verbo no pretérito perfeito, ou seja, “disse”: “Quando, então, foi levantado dos mortos, os seus discípulos lembraram isto que *disse*, e creram...” De fato, a narrativa do episódio sugere que Jesus tenha dito essa frase lapidar (“Destruí este santuário e em três dias o levantarei”, v.19cd) apenas nessa ocasião, a fim de responder aos judeus que lhe questionavam sobre um sinal que justificasse sua atuação veemente no Templo. Mas a bem da verdade, nada impede que Jesus tenha repetido essa frase em outras ocasiões, seja aos judeus ou mesmo aos discípulos, o que explicaria o uso do imperfeito pelo evangelista. Parece-nos, portanto, que convém manter o verbo como está no texto grego: “ἔλεγεν/*dizia*.”

3. Comentário exegético

Na introdução a seu Evangelho, João traz um *Prólogo* extremamente denso, que, de certa forma, reinterpreta (ou corrige?) a origem da criação, retrocedendo além da narração do Livro do Gênesis, testemunhando aquele que antes das coisas criadas já estava junto de Deus, e por quem tudo foi criado (Jo 1,1-3). Atesta que este, o Verbo divino, fonte de vida e verdade, fez-se carne e veio até nós (Jo 1,14).

Logo em seguida, é introduzido o testemunho de João Batista, anunciando a novidade a ser trazida pelo Messias esperado, preparando o povo pelo batismo e apontando o cordeiro que havia chegado (Jo 1,19-34). O relato prossegue com o seguimento dos primeiros discípulos, André e Simão Pedro, Filipe e Natanael (Jo 1,35-51).¹²

Na sequência, o Evangelho traz os episódios deste ensaio: o primeiro sinal de Jesus em Caná, e poucos dias depois, a atuação marcante de Jesus no Templo, em

¹² HAENCHEN, E., John 1 (Chapters 1–6), p. 172.

Jerusalém, por ocasião da Páscoa judaica: para os Sinóticos, apenas uma vez; mas para João, Jesus sobe três vezes.¹³ A intenção do presente estudo é, a partir do método da Análise Retórica Bíblica Semítica,¹⁴ perceber as conexões entre essas passagens do início do ministério de Jesus.

3.1. Nova aliança

O terceiro dia de Jo 2,1 é proposital, e dá continuidade à sequência dos dias, iniciada em Jo 1,29 e que reaparece em 1,35.43,¹⁵ em sentido temporal,¹⁶ “uma notícia cronológica”,¹⁷ indicando um cumprimento rápido, como que em “um breve lapso de tempo”.¹⁸ Levando em conta que o terceiro dia significa, na tradição judaica, dois dias depois (hoje, amanhã e o dia seguinte), trata-se então do sexto dia, o dia da criação do homem.¹⁹ A obra de Jesus será sua recriação, como um homem novo²⁰ e acontecerá “τῆ ἡμέρᾳ τῆ τρίτῃ/*no terceiro dia*”, no IV Evangelho, indicada como sendo “no primeiro dia da semana” (Jo 20,1: Τῆ δὲ μιᾷ τῶν σαββάτων), dia em que Maria Madalena vai ao sepulcro de madrugada, corre e anuncia a Pedro e ao discípulo

¹³ SIMOENS. Y., Secondo Giovanni, p. 229; BOOR, W., Evangelho de João I, p. 76.

¹⁴ A fim de se conhecer o método da Análise Retórica Bíblica Semítica, sugerimos conferir os textos MEYNET, R., L'Analyse Retorica; MEYNET, R., Trattato di Retorica Biblica ; MEYNET, R., A análise retórica. Um novo método para compreender a Bíblia, p. 391-408; MEYNET, R., I frutti dell'analisi retorica per l'esegesi biblica, p. 403-436; MEYNET, R., La retorica biblica, p. 431-468.

¹⁵ BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João. Vol 1(1-12), p. 289; BEUTLER, J., O Evangelho Segundo João, p. 82; CASTRO SÁNCHEZ, S. Evangelio de Juan, p. 69.

¹⁶ SCHNACKENBURG, R. Il Vangelo di Giovanni, p. 459; PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 237; CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 168;

¹⁷ ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni. Vol 1: 1,1-12,50, p. 129.

¹⁸ KONINGS, J., Evangelho segundo João: amor e fidelidade, p. 100.

¹⁹ BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João. Vol 1(1-12), p. 300. Interessante observar a tabela trazido por Brown sobre os sete dias consecutivos: 1,19-28; 1,29-34; 1,35-39; 1,40-42; 1,43-50 e 2,1-11; SIMOENS. Y., Secondo Giovanni, p. 207; CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 167; CARDONA RAMÍREZ, H., El Evangelio Según San Juan, p. 37.

²⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 123: “Apesar da declaração de Gn 2,2 (Deus concluiu sua tarefa e descansou), a criação não estava terminada, pois o homem ainda não chegara à sua plenitude nem, portanto, à condição de filho de Deus (1,12). Por isso Jesus não reconhecerá o sábado, dia do descanso divino; continua o sexto dia, e o Pai continua trabalhando (5,17). A obra do Pai estará terminada quando Jesus, no fim do sexto dia, declarar na cruz: *Está terminado*, e entregar o Espírito (19,30), dando aos homens a possibilidade de nascer de novo e fazer-se filhos de Deus, objetivo do projeto criador”.

Amado,²¹ que Jesus havia ressuscitado (Jo 20,2-3). Neste sentido, trata-se também do “dia da salvação.”²²

Percebe-se a intenção do evangelista de mostrar a substituição das instituições judaicas, caducas e esvaziadas, pela novidade que é o próprio Cristo. Em Caná, a Antiga Aliança, núpcias carentes de vinho, é substituída pela Nova Aliança, com o vinho do Espírito.²³ “Elemento indispensável nas núpcias, como sinal de alegria, o vinho simboliza o amor entre o esposo e a esposa, como aparece claramente no Cântico dos Cânticos.”²⁴

A partir desses dados, não é difícil perceber que esse primeiro sinal em Caná, com o fornecimento de vinho abundante nas núpcias por Jesus, apresenta-o como o noivo que vem desposar a Igreja.²⁵ Já os profetas revelavam o Senhor como o esposo que desposa sua amada esposa, a assembleia de Israel, e, fielmente, mantém sua aliança para sempre (Is 62,5; Os 2,18).²⁶ Como na imagem do Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas (Jo 10,11), Jesus é o esposo que,

²¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 68-71. A figura do “discípulo amado” ou “daquele que Jesus queria bem”, não é mencionado pelo nome, conservado no anonimato. No Evangelho de João, essa figura é identificada com o próprio evangelista e apóstolo João, sempre associada a Pedro, aparecendo junto com ele: três vezes usando o verbo ἀγαπάω (Jo 13,23/ 21,7.20/ 19,26) e uma vez com o verbo φιλέω (Jo 20,2), para falar de um amor fiel e/ou de um amor de amizade. Indica um “amigo de Jesus”, para falar de quem o ama e o segue, entrega-se por ele e por sua causa. O fato de estes termos serem utilizados para designar a relação com outras pessoas, a exemplo de Lázaro (Jo 11,3.5.9), indica a figura de todo discípulo e a própria e da comunidade, independentemente de quem o seja.

²² ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo della Vita, p. 71. A indicação “terceiro dia” como “dia da salvação” é comum tanto no AT como no NT. Sobre o NT, bastaria ter presente o 3º dia como o dia da ressurreição do Senhor, presente em todos os 4 Evangelhos, para não falar dos demais livros do NT. Para o AT, recordemos alguns exemplo: 1) em Gn 22,4, Abraão vê no 3º dia o lugar para se oferecer o sacrifício pedido por Deus, e o terceiro dia se converte em *dia de salvação* para Isaac e para Abraão, pois termina a sua angústia: para ambos, o 3º dia é *dia de libertação*; 2) em Ex 15,22, no 3º dia, os israelitas encontram a água amarga que se torna doce, graças ao bastão que Moisés bate na rocha, e o 3º dia se torna para eles *dia de libertação*; 3) em Ex 19,10-11, no 3º dia, Deus desce sobre o Monte Sinai na presença de todo o povo, e com o 3º dia se torna o *dia da revelação*, da manifestação de Deus; 4) Jonas permanece por 3 dias na barriga da baleia (Jn 2,1 e Mt 12,40; Mc 8,2; Lc 11,30 e Mt 16,4), e o 3º dia é para Jonas o *dia de libertação*; 5) em Os 6,2, lê-se: “depois de 2 dias nos dará a vida e no 3º dia nos fará ressuscitar e viveremos em Sua presença”: o 3º dia é o dia do “retomar da vida”, o que “faz reviver.”

²³ BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 104.

²⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 132.

²⁵ KONINGS, J., Encontro com o Quarto Evangelho, p. 29.

²⁶ CASTRO SÁNCHEZ, S. Evangelio de Juan, p. 70; KONINGS, J., Encontro com o Quarto Evangelho, p. 28: “Muitas vezes a Aliança de Deus com o seu povo é comparada com o matrimônio, e assim a realidade escatológica é expressa na imagem das núpcias messiânicas (Is 54,4-8; 62,4-5).

por amor, haverá de dar a vida por sua esposa, é o novo Adão de cujo lado aberto, durante o sono da morte, surgirá sua esposa, a Igreja, representada no sangue e na água (Jo 19,33-34), sinais da Eucaristia e do Batismo.

3.1.1. Israel à espera

Numa festa de casamento, a que Jesus fora convidado e à qual levava seus discípulos, o vinho veio a acabar. Este fato foi percebido de imediato pela mãe de Jesus, atenta aos fatos, que intercedeu junto a ele.²⁷ Se a era messiânica, ao contrário, era esperada como época de vinho em abundância,²⁸ essa falta de vinho pode simbolizar justamente a aridez do judaísmo, visto que “esperava-se para os tempos messiânicos a prodigalidade da terra: óleo, vinho e trigo fluiriam em abundância.”²⁹ O contrário, seria realmente ausência dos sinais messiânicos e ou da proximidade da era messiânica, do Messias que haveria de vir.

João fala abertamente que a festa está acabando, que tudo aquilo que tinha sido preparado para ela já não servia mais, e o anfitrião não está atento nem preparado para as consequências (Jo 2,1-12). O que era da festa dos judeus já era insuficiente, abandonado e vazio.³⁰

A mãe de Jesus, que a ele se dirige e dele espera uma solução, pertence à Antiga Aliança (“estava lá”, Jo 2,1b, como, à frente, as talhas), e, ao reconhecer o Messias, personifica os israelitas que conservaram a fidelidade a Deus e mantêm a esperança em suas promessas. Mais ainda, ela emoldura o início da vida pública de Jesus, neste seu “primeiro sinal”, no v.1, e reaparece no v.12.³¹ Mas parece já romper com as instituições, quando diz “não têm vinho” (Jo 2,3), em vez de “não temos”. Não recorre ao mestre-sala, mas sim ao Messias, que é quem pode resolver o problema. Já o reconhece antecipadamente, como aquele

²⁷ ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo dela Vita, p. 72; HENDRISKSEN, W., João, p. 135.

²⁸ BEALE, G. K.; CARSON, D. A., Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 542; ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo dela Vita, p. 76.

²⁹ JAUBERT. A., Leitura do Evangelho Segundo João, p. 56.

³⁰ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 7.

³¹ ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo dela Vita, p. 70; SCHNACKENBURG, R. Il Vangelo di Giovanni, p. 495.

que é capaz de agir em favor de seu povo, como era esperado do Messias de Israel.

Instado por sua mãe, a quem chama “mulher”, título de caráter esponsal,³² com forma usada tanto por João como por Paulo,³³ Jesus afirma que sua hora ainda não chegou (Jo 2,4). Embora o esperado seria encontrar o termo “mãe”, “mulher” não se trata de um termo negativo e sim de uma forma de respeito e delicadeza no referir-se a uma mulher, com um “significado positivo”,³⁴ e é neste sentido que Jesus se refere à sua mãe,³⁵ “termo de tratamento normal para uma senhora”,³⁶ aliás, assim Jesus se refere respeitosamente a várias mulheres do NT,³⁷ como também é comum no AT;³⁸ mais ainda, segundo Brown, “não constitui uma repreensão, nem um termo descortês, nem indicação de ausência de afeto”,³⁹ sendo de uso comum na época, inclusive, “continha muita cortesia”.⁴⁰ Isso mostra, em primeiro lugar, que Jesus “não atua nem decide simplesmente a partir de si, mas sim em harmonia com a vontade do Pai, sempre a partir do plano do Pai.”⁴¹ O evangelista produz, assim, uma tensão narrativa e gera expectativa até a chegada desse momento.⁴² João desenvolve bastante o tema da *hora* de Jesus, que percorrerá todo o seu Evangelho, e se consumará em sua morte, em sua hora de passar deste

³² MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 199-200. Jesus chama “mulher”, além de sua mãe, também a samaritana e Maria Madalena. A primeira representa o Israel fiel que esperava o Messias; a samaritana, a esposa adúltera (Israel infiel), mas que volta ao seu primeiro amor e o anuncia; e Maria Madalena é símbolo da nova comunidade, a Igreja esposa.

³³ GONZAGA, W., “Nascido de Mulher” (Gl 4,4), p. 1194-1216.

³⁴ CASTRO SÁNCHEZ, S. Evangelio de Juan, p. 72.

³⁵ ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo della Vita, p. 69; BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João. Vol 1(1-12), p. 295; HENDRICKSEN, W., João, p. 137; SCHNACKENBURG, R. II Vangelo di Giovanni, p. 462; CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 170; HAENCHEN, E., John 1 (Chapters 1–6), p. 173; BEASLEY-MURRAY, G. R. John, p. 34; ZUMSTEIN, J., II Vangelo secondo Giovanni. Vol 1: 1,1–12,50, p. 130; LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João I, p. 178-179; BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 106.

³⁶ KONINGS, J., Evangelho segundo João: amor e fidelidade, p. 101.

³⁷ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 213-216; PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 243.

³⁸ CARDONA RAMÍREZ, H., El Evangelio Según San Juan, p. 38.

³⁹ BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João. Vol 1(1-12), p. 290.

⁴⁰ BRUCE, F. F., João, p. 70.

⁴¹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 218-219.

⁴² MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 131.

mundo para o Pai (Jo 13,1).⁴³ Assim, Jesus dispõe o vinho em conexão com sua hora, mas afirma que ela ainda não chegou.⁴⁴ Será na cruz que derramará seu sangue por amor, consumando a sua obra e missão (Jo 19,30), como anunciado na véspera de sua Paixão, na última ceia (Jo 13), onde o vinho é sinal do seu sangue, sua vida derramada e entregue.

Sem saber o que Jesus fará, sua mãe orienta os servos a seguir sua palavra e suas indicações sem reservas. A plena confiança da mãe no filho explica sua diretriz, v.5bc: “O que lhes disser fazei.” Essa palavra alude à ordem do Faraó ao Egito para que faça o que José disser, em Gn 41,55. Isso indica que, “assim como José proveu o alívio para a fome, Jesus será capaz de encontrar uma saída para o presente dilema.”⁴⁵

Mais uma vez, a mãe é sinal do Israel que se comprometera a obedecer ao Senhor, no Sinai (Ex 19,8: “Faremos o que disse o Senhor”).⁴⁶ Aparece aqui a disposição de passar da Antiga Aliança, já caduca, à Nova Aliança a ser inaugurada pelo Messias.⁴⁷ E os servos são equiparados, em certa medida, aos discípulos de Jesus, visto que se dispõem a ouvir suas instruções e lhe obedecer.⁴⁸

3.1.2. Talhas pesadas e vazias

Antes de descrever as orientações de Jesus aos servos, o relato aponta para as talhas. São descritas com detalhes: quanto à sua função, para a purificação dos judeus,⁴⁹ como é mencionado em vários casos da vida cotidiana judaica, igualmente nos Sinóticos;⁵⁰ quanto ao material de que são feitas, de pedra; quanto ao seu número, a saber, seis; e quanto à capacidade (mas sem muita precisão), de

⁴³ TUNÍ, J.; ALEGRE, X., *Escritos joaninos e cartas católicas*, p. 57; SCHNACKENBURG, R. *Il Vangelo di Giovanni*, p. 458.

⁴⁴ KONINGS, J., *Encontro com o Quarto Evangelho*, p. 29.

⁴⁵ BEALE, G. K.; CARSON, D. A., *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, p. 542.

⁴⁶ ORLANDO, L., *Giovanni. I Vangelo della Vita*, p. 74.

⁴⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 134.

⁴⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., *Vocabulário teológico do Evangelho de São João*, p. 63-64.

⁴⁹ ORLANDO, L., *Giovanni. I Vangelo della Vita*, p. 74; BOOR, W., *Evangelho de João I*, p. 74.

⁵⁰ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni. Vol 1: 1,1-12,50*, p. 136; BRUCE, F. F., *João*, p. 71.

duas a três medidas.⁵¹ Pela descrição minuciosa, fica clara a importância das talhas para o relato, como um símbolo. Pelo tamanho e constituição, eram “praticamente inamovíveis; a expressão ‘estavam lá colocadas’ acentua sua estaticidade e fixidez.”⁵² Com este gesto, na verdade, Jesus, o Messias, vai purificar o templo,⁵³ assim como ele vai reergue-lo, após ser destruído,⁵⁴ falando do templo de seu corpo.

O fato de as talhas serem feitas de pedra aponta para as tábuas da Lei de Moisés,⁵⁵ que têm esse aspecto bem destacado em inúmeras passagens (Ex 31,18; 34,1.4; Dt 4,13; 9,9-10). Se a Antiga Aliança é gravada na pedra, a ela corresponde um coração de pedra, isto é, sem amor. A purificação era necessária para a relação com Deus, o que o torna distante e inacessível. Assim, as talhas vazias são uma referência à relação com Deus, que deveria ser de amor, mas foi esvaziada pela Lei. “A Lei não é mediação, mas obstáculo. É ela, portanto, o que faz faltar o vinho nestas núpcias, ou o amor nesta aliança.”⁵⁶ Não é difícil perceber, desde já, a conexão com o episódio seguinte, no qual Jesus denuncia o esvaziamento do amor de Deus no Templo de pedra; deveria ser casa de oração, mas veio a tornar-se covil de ladrões.

As talhas “representam todo o sistema de observâncias cerimoniais judaicas,”⁵⁷ e se estão vazias, isso significa que o antigo ritual de purificação, além de opressor (por instalar o homem sempre em situação de pecado), é ineficaz, está vazio. O fato de serem seis talhas sublinha ainda mais essa realidade, na medida em que é o número da imperfeição,⁵⁸ não alcança a perfeição ou totalidade do *sete*, número seguinte, sempre presente no Evangelho de João.⁵⁹ Mas o número seis também prepara e anuncia o número

⁵¹ Considerando que uma medida equivale a aproximadamente 40 litros, duas a três medidas são entre 80 e 120 litros. Por isso a tradução frequente “100 litros” parece apropriada.

⁵² MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 134.

⁵³ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João I, p. 197.

⁵⁴ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João I, p. 200.

⁵⁵ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 66; MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 161.

⁵⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 135.

⁵⁷ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 392.

⁵⁸ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 67: “Além de ser um número imperfeito, as talhas estavam vazias. Moisés, ao tocar a rocha com o cajado, fez jorrar água para saciar a sede do povo sedento. No entanto, aqui, as talhas estão secas.”

⁵⁹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 256: “Poder-se-ia dizer que Jo dividiu a vida de Cristo em sete períodos de sete dias cada um, talvez para estabelecer um paralelo entre a obra criadora de Gn 1 (os sete dias da criação) e a obra redentora do Logos.”

seguinte, a perfeição que se aproxima, como na entrega de Jesus à hora sexta, na hora do sacrifício do cordeiro (Jo 19,34).⁶⁰ Assim, serão seis as festas judaicas narradas pelo evangelista, marcando sua provisoriedade, a serem substituídas pela definitiva Páscoa de Jesus.⁶¹

3.1.3. A intervenção de Jesus

Jesus manda encher as talhas, mas elas, símbolo da Antiga Aliança já caduca, não podem conter o vinho novo que ele traz. A água se converterá em vinho, mas saindo para fora delas, quando os serventes a tirarem (Jo 2,9).⁶² Jesus manda encher as talhas para sinalizar essa passagem do antigo ao novo: o que a Lei não conseguia realizar, Jesus o fará.⁶³ Chama a atenção a abundância de vinho trazida por Jesus, nítido sinal messiânico,⁶⁴ conforme assinalado pelos profetas,⁶⁵ já com a festa avançada e os convidados embriagados, como é sugerido em Jo 2,10, Jesus oferece em torno de 600 litros de vinho.⁶⁶ O gesto se aproxima da

⁶⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 213-214.

⁶¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 135-136.

⁶² MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 19: “A purificação não se fará a partir de fora (água que lava), e sim a partir do interior do homem (vinho que se bebe, o Espírito).”

⁶³ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 136: “A Lei se interpunha entre o homem e Deus. De agora em diante, não haverá mais intermediários; o vinho, que é o amor, estabelecerá relação pessoal e imediata. Aí existirá a alegria (Jo 15,11: ‘Disse-vos isto para que minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena’).”

⁶⁴ BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João, p. 299; MALZONI, C. V., Evangelho Segundo João, p. 79.

⁶⁵ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 302: “Jesus é o Messias; a nova aliança substitui e supera a antiga. Prevaecem estes dois motivos: a abundância do vinho e sua surpreendente superioridade. O primeiro elemento representa um rico simbolismo profético: ‘As montanhas destilarão vinho novo e de todas as colinas ele escorrerá’ (Am 9,13-14); ‘Sentarão novamente debaixo de minha sombra, cultivarão o trigo e cuidarão dos vinhedos, e sua fama será como a do vinho do Líbano’ (Os 14,8); ‘Regressarão entre gritos de alegria às alturas de Sião e correrão aos bens do Senhor; ao trigo, ao vinho, ao azeite, ao rebanho pequeno e ao gado; sua alma será qual jardim bem irrigado’ (Jr 31,12)”. Esta é a mesma visão de SCHNACKENBURG, R. II Vangelo di Giovanni, p. 473; e de KONINGS, J., Evangelho segundo João: amor e fidelidade, p. 102, ao falarem da abundância messiânica como sinal escatológico do Messias, olhando para vários textos do Antigo Testamento, especialmente dos profetas, tanto maiores como menores.

⁶⁶ HENDRISKSEN, W., João, p. 137; CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 174; LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João I, p. 168.

multiplicação dos pães,⁶⁷ na qual milhares são saciados, ainda têm sobras, e aponta, sobretudo, para a entrega de si mesmo à humanidade por amor: “Ele a si mesmo se esbanja pela sua pobre criatura, o homem. Esta superabundância é a sua ‘glória’. A fartura de Caná é, pois, um sinal de que começou a festa de Deus com a humanidade, a sua auto-oblação pelos homens.”⁶⁸

Em oposição aos servos, que estão cientes da situação e tomam parte na solução, está o mestre sala, o responsável pelo banquete, mas que nada faz a respeito e sequer está ciente da falta de vinho. Com efeito, apesar da abundância, o sinal é discreto, sem discursos ou orações de Jesus em voz alta, sem gestos nem cenas de impacto.⁶⁹ O mestre sala ignora o que aconteceu e representa os chefes dos judeus, que se despreocupam com a situação do povo, como se tudo corresse bem. Em Caná se concretiza a oposição registrada em Jo 1,17: “A Lei foi dada por meio de Moisés, o amor e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo.”⁷⁰

A censura do mestre sala ao noivo confirma a superioridade do vinho novo, mas também revela sua surpresa com o fato de que o novo possa ser melhor que o antigo. Como imagem dos dirigentes dos judeus, o mestre sala não se dá conta de que o plano de Deus possa progredir, não entende que o melhor possa vir depois. Para ele, como para as lideranças judaicas, “a situação passada já era definitiva; os dirigentes não querem nem esperam que algo mude.”⁷¹ O vinho é um símbolo da Torá, preparado pela Sabedoria de Deus (Pv 9,5), e assim o vinho novo, de melhor qualidade, fornecido por Cristo, é confrontado com a água das talhas para purificação dos judeus, mas também com o vinho de qualidade inferior, servido no início da festa.⁷²

Ao final, em Jo 2,10d, o mestre sala faz uma alusão à morte de Jesus, obviamente sem o saber, quando diz: “Tu guardaste o vinho bom até agora.” Jesus, em quem reside o Espírito, conforme atestado, um pouco antes, pelo Batista (Jo 1,32-33), como também acontece nos Sinóticos,⁷³ só o entregará quando chegar “a sua hora”, quando derramar seu sangue, na sua morte (Jo 19,30, “παρέδωκεν τὸ

⁶⁷ TUÑÍ, J.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 28-29.

⁶⁸ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 219.

⁶⁹ Card chama este primeiro sinal de “milagre não milagroso” (“unmiraculous miracle”). CARD, M., John – the Gospel of Wisdom, p. 49.

⁷⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 137.

⁷¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 138.

⁷² DODD C. H.; A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 120.

⁷³ HAENCHEN, E., John 1 (Chapters 1–6), p. 184.

πνεῦμα/entregou o Espírito”). O que o mestre sala não reconhece nem aceita é apenas uma amostra – por isso também apenas seis talhas –, do que será realidade plena na cruz – como se fosse a sétima talha –, “talha” esta na qual será depositado o vinho novo por excelência, que é o Cristo Jesus. Então, terminada a obra criadora (Jo 19,30, “τετέλεσται/está consumado”), será inaugurada a Nova Aliança. Expressão dessa Nova Aliança será a Eucaristia, na qual o vinho novo será sinal do Espírito dado aos discípulos.⁷⁴

Como se vê, o próprio mestre sala não percebe o alcance de suas palavras. Ele pretende apenas censurar o noivo por ter conduzido mal o fornecimento de vinho durante sua festa de casamento; mas sem o saber, profetiza a respeito de Jesus, o verdadeiro noivo, que, de fato, guarda o “vinho melhor” do Espírito para a última hora, para o momento derradeiro da cruz (“sétima talha”), quando se completará a “sua hora”.⁷⁵ O evangelista, ciente dessa situação contrastante, não deixa de registrar em seu Evangelho esse dado irônico, como o fará em outros momentos de seu relato (Jo 4,42; 11,50; 19,5).

Note-se que ao mestre sala contrapõe-se a mãe de Jesus. Ela representa o Israel que reconheceu o Messias e, experimentando a carência, espera a atuação dele, acreditando que a hora está para ser iniciada em sua realização; o mestre sala representa os judeus, para quem tudo vai bem; nada esperam nem desejam mudança ou novidade. Os servos também merecem destaque, como aqueles que, à disposição, obedecem ao Messias e o reconhecem.⁷⁶

Esta Nova Aliança termina com a manifestação da glória diante de seus discípulos (Jo 2,11),⁷⁷ como ocorrera no Sinai (Ex 24,15.17). Sua glória consiste na nova relação que, por meio dele, Deus estabelece com os homens gratuitamente, unindo-os a si por amor. Este primeiro sinal alude à cruz quando menciona a “sua hora” (Jo 2,4). Como em Caná a mãe se dirige a Jesus, na cruz Jesus se dirige à sua mãe (Jo 19,26) e a integra, como figura de Israel, à nova comunidade, pois este título

⁷⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 138.

⁷⁵ ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo della Vita, p. 73; SCHNACKENBURG, R. Il Vangelo di Giovanni, p. 452; CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 171; JAUBERT. A., Leitura do Evangelho Segundo João, p. 57-58.

⁷⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 138-139.

⁷⁷ BEUTLER, J., O Evangelho Segundo João, p. 81; ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni. Vol 1: 1,1–12,50, p. 133.

“evoca a Sião ideal”,⁷⁸ visto que aqui, “Maria personifica a Sião messiânica”.⁷⁹ “Em ambos os textos há uma reminiscência de Gn 3,15”,⁸⁰ na medida em que Jesus é aquele que, chegada a sua hora, na cruz vence a Satanás e cumpre aquela primeira profecia, promovendo assim a recriação do homem, a partir dele, o novo Adão e o homem novo por excelência.

Nas bodas de Caná, pela primeira vez no Evangelho de João, aparecem dois termos que voltarão algumas vezes e acompanharão o ministério de Jesus, a saber, sua “hora” e sua “glória”. Não é difícil perceber que o evangelista associa esses termos, um ao outro, desde o início. Se a sua hora se concretiza na cruz, também ali se revela a sua glória. Para João, a cruz é inseparável da ressurreição. Como a serpente no deserto (Nm 21,4-9; Sb 16,5-7), Jesus deverá ser levantado (Jo 3,14), e assim atrairá todos a si (Jo 12,32). A glória de Deus, que Jesus revela ao mundo, é o seu amor, e o amor de Deus manifesta toda a sua força precisamente na cruz. A cruz de Jesus, que é sua hora e sua glória simultaneamente, demonstrará também sua obediência e comunhão com a vontade do Pai.⁸¹

Tendo Jesus manifestado a sua glória, o texto conclui com a importante informação: “καὶ ἐπίστευσαν εἰς αὐτὸν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ/ *e os seus discípulos creram nele*” (2,11c). Em João, os sinais que Jesus realiza (2,11a) devem conduzir à fé. O fio condutor de todos os relatos joaninos é a acolhida de Jesus pelos que com ele interagem. Eles aprendem de seus ensinamentos e, reconhecendo-o através dos sinais, seguem-no.⁸² E ao final, Jesus há de ensinar que bem-aventurados são os que não viram e creram, após a “profissão de fé de Tomé” (Jo 20,28-29),⁸³ retomando a profissão de fé de Israel, em YHWH, como “seu Deus” (Sl 35,24), a partir da boca do salmista (Sl 35,23: “meu Senhor e meu Deus”).

Substituída a Antiga Aliança, na sequência é anunciada a substituição das instituições que a concretizavam,⁸⁴ em especial o Templo de Jerusalém. Mas antes de “indicar” a Jesus como sendo a Nova Aliança e o Novo Templo, há uma informação que prepara a transição para o episódio seguinte, sobre os grupos que acompanham Jesus nesse momento inicial.

⁷⁸ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João I*, p. 174.

⁷⁹ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João I*, p. 175.

⁸⁰ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., *Os Evangelhos (II)*, p. 303.

⁸¹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., *Os Evangelhos (II)*, p. 302-303.

⁸² TUÑÍ, J.; ALEGRE, X., *Escritos joaninos e cartas católicas*, p. 85.

⁸³ TUÑÍ, J.; ALEGRE, X., *Escritos joaninos e cartas católicas*, p. 36.

⁸⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 140.

3.2 Cafarnaum, passagem entre Caná e Jerusalém

Entre o relato do primeiro sinal, quando mudou a água em vinho nas bodas de Caná, e o episódio da expulsão dos vendilhões do Templo em Jerusalém, o Evangelho de João traz uma notícia de movimentação e transferência de lugar, em Jo 2,12: “Depois disso desceu para Cafarnaum ele, sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, e lá permaneceram não muitos dias.”

Poderia parecer, à primeira vista, uma informação sem muita importância, apenas para fazer a transição ao relato seguinte. Mas Jo 2,12 é um bom exemplo de que nada na Escritura é sem significado, nenhuma informação é irrelevante. Com efeito, um olhar aprofundado revela que o v.12 funciona como uma dobradiça ou versículo-ponte⁸⁵ a unir os dois relatos, e traz informações relevantes para o Evangelho. Com efeito, nesse momento ainda inicial se diz que os irmãos de Jesus “acompanham-no até Cafarnaum, mas não vão além, quando ele começa seu ministério público ao dirigir-se para Jerusalém.”⁸⁶

Cafarnaum, cidade importante da Galileia, é sabidamente um local onde Jesus exerceu grande parte de seu ministério. Os três grupos que acompanham Jesus são importantes e compõem uma espécie de panorama da situação: sua *mãe* representa, como já visto, o Israel fiel, aberto à mensagem de Jesus; os *irmãos* são sua gente, não apreciarão sua obra e lhe serão hostis (Jo 7,3-9); por fim, seus *discípulos* são os que já aderiram à sua obra e o seguem. Os mesmos três grupos estavam representados também em Caná (Jo 2,1-12), a saber, sua *mãe*, o *mestre sala* e os *servos*, respectivamente.

Note-se que Jo 2,12 é a única ocasião, em todo o Evangelho, que esses três grupos aparecem juntos. Vê-se, assim, como não podem subsistir ou conviver por muito tempo. Não por acaso, o v.12 atesta que tais grupos “lá (em Cafarnaum) permaneceram não muitos dias”. Essa convivência pacífica entre Jesus e os grupos então existentes dura bem pouco tempo. Logo Jesus confrontará tais estruturas, e os grupos se dividirão.⁸⁷ Diante de Jesus e do seu ministério, todos devem tomar partido e se posicionar.

⁸⁵ HAENCHEN, E., John 1 (Chapters 1–6), p. 175; ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni. Vol 1: 1,1–12,50, p. 133; KONINGS, J., Evangelho segundo João: amor e fidelidade, p. 105.

⁸⁶ BROWN, R. Introdução ao Novo Testamento, p. 467.

⁸⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 142.

3.3 Novo Templo

O Prólogo já tendo assinalado uma comparação entre Moisés, por quem veio a lei, e Jesus, por quem vem a graça e a verdade (Jo 1,17), e já tendo sido anunciada a substituição da Antiga Aliança pela Nova Aliança nas núpcias em Caná (Jo 2,1-11), é a vez do Templo em Jerusalém e da festa da Páscoa serem também devidamente substituídas por Jesus. “A pessoa do Messias substituirá todas as instituições do antigo Israel.”⁸⁸

Se a água tornada vinho foi o primeiro sinal de Jesus, em Caná da Galileia, a expulsão dos vendilhões é a sua primeira atuação em Jerusalém.⁸⁹ Pela importância dessa capital naquele ambiente,⁹⁰ o primeiro gesto de Jesus no Templo é significativo e está, assim como o primeiro sinal, unido à sua morte e ressurreição.⁹¹ Ali começará a hostilidade dos dirigentes, que culminará na sua condenação à cruz. Não por acaso, o relato faz alusão direta à sua ressurreição ao final, quando então seus discípulos recordam e compreendem seus gestos e sua palavra.

Após a introdução, em Jo 2,13, na qual é apresentado pelo evangelista o contexto do episódio, a saber, a viagem de Jesus (“subiu”), o local (“para Jerusalém”) e a ocasião (“estava próxima a Páscoa dos judeus”), o relato aparece dividido em duas partes, cada uma sendo concluída com o pensamento dos discípulos (Jo 2,17.22). Na primeira, depois da atuação firme de Jesus (v.14-16), seus discípulos a interpretam erroneamente, como zelo pela casa do Senhor (v.17). Na segunda, ante a reação dos dirigentes (v.18), Jesus lhes lança um desafio (v.19), que não é compreendido pelos dirigentes (v.20-21), mas será compreendido corretamente pelos discípulos por ocasião da sua ressurreição (v.22).⁹²

⁸⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 144.

⁸⁹ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 72: “É mister perceber que o sinal de Caná, o primeiro dos sinais, antecede imediatamente a purificação do templo. É impossível cumprir a Nova Aliança dentro de uma casa corrompida, repleta de mercadorias de exploração. A purificação do templo poderia ser entendida como outro sinal ou como o primeiro sinal em Jerusalém.”

⁹⁰ TUÑÍ, J.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 77: “A vida judaica está centralizada em Jerusalém, a cidade santa, para onde se vai por ocasião das festas de peregrinação (2,12; 5,1; 7,2.10; 10,22; 11,55); a Jerusalém cheia de peregrinos (12,20), com os fariseus que desprezam o povo simples (7,49), com o seu templo em reconstrução (2,20), cheio de traficantes e vendedores (2,13-15).”

⁹¹ TUÑÍ, J.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 56.

⁹² MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 146.

Logo no início da perícopa, João se refere à Páscoa dos judeus (Jo 2,13: ἦν τὸ πάσχα τῶν Ἰουδαίων), nome que não aparece no Antigo Testamento e tem conotação pejorativa, visto que João Evangelista não a considera herdeira da instituída no Êxodo, mas a vê como uma festa indevidamente apropriada pelos dirigentes e por eles manipulada. Com efeito, nos primórdios de Israel a festa da Páscoa era de caráter familiar. Com a centralização do culto, os judeus passaram a ser obrigados a sacrificar o cordeiro no Templo, em Jerusalém. Nas antigas festas, o povo de Israel tinha o protagonismo no culto a Deus; nas festas oficiais, vê-se deixado à margem, sem muito o que celebrar. É o que Jesus vê chegando ao local, conforme Jo 2,14. Em vez de encontrar quem busque a Deus, Jesus encontra o comércio.⁹³

Para confrontar essa situação e denunciar a corrupção que vigorava no Templo e no culto, e bem de acordo com algumas tradições rabínicas que aguardavam o Messias com um chicote na mão,⁹⁴ Jesus confecciona um chicote de cordas (Jo 2,15: “καὶ ποιήσας φραγέλλιον ἐκ σχοινίων πάντας ἐξέβαλεν ἐκ τοῦ ἱεροῦ / e tendo feito um chicote de cordas, expulsou a todos do Templo”).⁹⁵ Vale notar que em nenhum momento o relato descreve Jesus fazendo uso do chicote propriamente, ou seja, chicoteando os vendedores e cambistas, ou agredindo quem quer que fosse. O que está relatado é que Jesus confeccionou um chicote. Fica patente que foi com esse chicote em punho que agiu de maneira vigorosa.⁹⁶ Mas o que fez propriamente, segundo o texto, foi expulsar todos do Templo, vendedores e animais, derrubar as moedas e virar as mesas dos negociantes (Jo 2,15: “τά τε πρόβατα καὶ τοὺς βόας, καὶ τῶν κολλυβιστῶν ἐξέχεεν τὸ κέρμα καὶ τὰς τραπέζας ἀνέτρεψεν / com as ovelhas e os bois; lançou ao chão o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas”). Além, é claro, de denunciar com sua palavra a perversão da casa de seu Pai, reduzida por eles a casa de comércio, fortemente marcado por “especulação lucrativa”,⁹⁷ com puro culto exterior⁹⁸ (Jo 2,16: “καὶ τοῖς τὰς περιστερὰς πωλοῦσιν εἶπεν· ἄρατε ταῦτα ἐντεῦθεν, μὴ ποιεῖτε τὸν οἶκον

⁹³ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 143-148.

⁹⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 144.

⁹⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 148: “O chicote era símbolo proverbial para designar as dores que inaugurariam os tempos messiânicos. Representava-se o Messias com o chicote na mão para fustigar os vícios e as práticas más.”

⁹⁶ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 268.

⁹⁷ ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni. Vol 1: 1,1-12,50, p. 139.

⁹⁸ ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo della Vita, p. 83.

τοῦ πατρὸς μου οἶκον ἐμπορίου / e aos que vendiam as pombas disse: “Tirai estas coisas daqui, não façais da casa do meu Pai casa de comércio”).⁹⁹

Já os profetas denunciavam com veemência o culto hipócrita e as injustiças com os pobres, fato este que aparece ao longo das Escrituras de Israel¹⁰⁰ (Is 1,11-17; Jr 7,21-26; Os 5,6-7; 8,13; Am 4,4-5; 5,21-24). Também à luz de Mt 3,1-4, esperava-se a purificação do Templo no tempo messiânico.¹⁰¹ Mas Jesus vai além dos profetas, e não se limita a combater os abusos dos negociantes ou propor a reforma daquelas instituições. Bem mais que isso, Jesus anuncia a abolição do culto ultrapassado:¹⁰² “ao expulsar do templo os animais, material dos sacrifícios, declara sua invalidez e do culto inteiro, de que os sacrifícios constituíam o momento culminante.”¹⁰³

O que Jesus pretende não é “purificar” o culto. Não se aproxima do lugar dos sacrifícios para condenar práticas abusivas. Seu gesto é mais radical e profundo. Jesus bloqueia e interrompe as atividades normais, necessárias para o funcionamento religioso do templo, como a troca de moedas ou a venda de pombas. Sua ação não aponta para uma reforma dessa liturgia, mas para o desaparecimento da própria instituição: sem dinheiro não se pode comprar animais puros; sem animais não há sacrifícios; sem sacrifícios não há expiação do pecado nem segurança de perdão.¹⁰⁴

Ao expulsar a todos e tudo do Templo, a ordem dos animais, em Jo 2,15, diverge de quando Jesus viu os animais logo antes. Se em Jo 2,14 é dito que Jesus viu (os vendedores de) bois, ovelhas e pombas, talvez de acordo com o seu tamanho, quando em Jo 2,15 os expulsa a todos, as ovelhas têm precedência. Assim se vê sua carga simbólica, pois representam o povo, e por isso são postas em primeiro lugar.¹⁰⁵ Jesus as conduz para fora como quem as liberta, de acordo também com o discurso do Bom Pastor, em Jo 10,4: “Tendo feito sair todas as que são suas, caminha à frente delas e as ovelhas o seguem, pois conhecem a sua voz.”

⁹⁹ BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João. Vol 1(1-12), p. 311.

¹⁰⁰ ORLANDO, L., Giovanni. I Vangelo della Vita, p. 73; HAENCHEN, E., John 1 (Chapters 1–6), p. 174; BEASLEY-MURRAY, G. R. John, p. 40; ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni. Vol 1: 1,1–12,50, p. 127.

¹⁰¹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 305.

¹⁰² KONINGS, J., Encontro com o Quarto Evangelho, p. 31.

¹⁰³ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 149.

¹⁰⁴ PAGOLA, J. A., Jesus – Aproximação histórica, p. 431-432.

¹⁰⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 149-150.

Também no discurso do Bom Pastor, Jesus denuncia os mercenários que são ladrões e só vêm para roubar, matar (ou sacrificar) e destruir (Jo 10,10: “o ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”). Jesus, Bom Pastor, dá a vida por suas ovelhas (Jo 10,11: “Eu sou o Bom Pastor: o Bom Pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas”) e se sacrifica por elas, libertando-as da prisão em que estavam. O Templo, onde o povo está encerrado, espaço com enorme concentração de peregrinos vindos de todos os lados,¹⁰⁶ era como o recinto onde as ovelhas estão condenadas ao sacrifício.¹⁰⁷ Assim, não são os animais as vítimas dos sacrifícios, mas o próprio povo, e é dessa prisão e exploração que Jesus os liberta.¹⁰⁸

Além da atuação vigorosa de Jesus, o relato traz também a palavra que a acompanha: a denúncia aos dirigentes. É de se notar, entretanto, que sua ordem é direcionada especificamente aos que vendiam pombas (Jo 2,16a): “Tirai estas coisas daqui, não façais da casa do meu Pai casa de comércio” (Jo 2,16bc). A expressão “casa de comércio” evoca Zc 14,21:¹⁰⁹ “Naquele dia não haverá mais nenhum negociante na casa do Senhor dos exércitos.”

Também aqui o gesto não é fruto de uma atuação impulsiva ou impensada de Jesus. Ele sabe bem o que faz, e a simbologia se faz presente nos detalhes. Chama a atenção o fato de que Jesus, que acabou de derrubar as mesas e espalhar as moedas, e que fez o mais trabalhoso ao soltar bois e ovelhas, não toca sequer nas gaiolas com as pombas. Abri-las seria até mais fácil, mas ele manda que os vendedores o façam. Note-se que as pombas são destinadas aos sacrifícios de menor importância.¹¹⁰ Eram os animais usados especialmente pelos pobres (Lv 5,7; 14,22.30-31). Portanto, eram o meio pelo qual se reconciliavam com Deus. Por aí se vê a gravidade da conduta dos vendedores de pombas,¹¹¹ “que oferecem por

¹⁰⁶ HAENCHEN, E., John 1 (Chapters 1–6), p. 182.

¹⁰⁷ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 72-73: “A atitude de Jesus não foi apenas de revolta contra as autoridades que manipulavam o sentido e finalidade do templo, mas era também um gesto solidário com os pobres e simples que na sua inocência e ingenuidade eram tripudiados pelos seus falsos pastores e chefes.”

¹⁰⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 149-150.

¹⁰⁹ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 305.

¹¹⁰ BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João. Vol 1(1-12), p. 312.

¹¹¹ CARD, M., John – the Gospel of Wisdom, p. 53: “Jesus foca sua indignação nos vendedores de pombas.” (Tradução nossa)

dinheiro a reconciliação com Deus e representam a hierarquia sacerdotal, que comercia com o favor de Deus.”¹¹²

Assim como em Caná o vinho do Espírito se opunha às talhas vazias (2,9), assim, também as pombas de sacrifício se opõem ao Espírito, a pomba que baixou do céu (1,32), que é o amor e o favor gratuito de Deus (1,14) e autor da verdadeira e definitiva purificação do homem (2,9-10).¹¹³

Registrem-se alguns dados na palavra de Jesus: a referência (em certo sentido, exclusiva), a Deus como seu Pai (“casa do meu Pai”, 2,16), o que afirma sua filiação e messianidade; e a dupla ocorrência da palavra “casa” (“casa do meu Pai” em oposição a “casa de comércio”), o que é sinal de estabilidade, e no caso em questão, de substituição. O que era casa de Deus se tornou casa de comércio, o que era culto a Deus se tornou culto ao dinheiro. Eis a denúncia que Jesus traz e a situação que vem reverter.

Ao chamar a Deus de “meu Pai”, Jesus o tira do templo; a relação com ele não é religiosa, mas familiar, no âmbito doméstico. O termo dessacraliza a Deus. A relação para com ele não é já de temor, e sim de amor, intimidade e confiança. Na casa do Pai não pode haver comércio; sendo casa de família, tudo pertence a todos.¹¹⁴

Assim, Jesus repropõe a relação com Deus, como nos inícios de Israel. O Templo estava situado em Jerusalém, no monte Sião. Para lá deveriam dirigir-se os que o quisessem encontrar e oferecer sacrifícios para reconciliar-se com Deus. Não fora assim nos primórdios de Israel, na caminhada através do deserto. A tenda em que habitava a glória de Deus caminhava com o povo, acompanhava-o. Se o povo é que deveria subir ao Templo, à tenda no deserto, ao contrário, o próprio Deus descia. “Doravante, a manifestação da glória de Deus se fará em Jesus, a Palavra que se fez homem, que plantou sua tenda entre nós (1,14).”¹¹⁵

João Batista anunciara aquele que estava presente entre os judeus e eles não conheceram (Jo 1,26). E diante da pergunta dos discípulos, “onde vives?” (Jo 1,38), Jesus responde não com um endereço ou residência fixa, mas com um convite:

¹¹² MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 150.

¹¹³ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 150.

¹¹⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 151.

¹¹⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 152.

“Vinde e vede!” (Jo 1,39), sinal de sua presença dinâmica entre o povo, tornando Deus próximo e acessível a todos. Jesus denuncia e inverte a lógica dominante, segundo a qual Deus exigia sacrifícios reparadores. “Assim como a Lei afastava Deus e impedia a experiência do seu amor (2,6), assim também o Templo e o culto retratam um Deus ávido e exigente, em vez de Pai, doador de vida.”¹¹⁶

3.3.1. Reação dos discípulos à ação de Jesus

Na sequência da atuação vigorosa e um tanto surpreendente de Jesus, logo no início do seu ministério, o relato aporta as reações dos seus discípulos, bem como das autoridades denunciadas. Em primeiro lugar, o texto indica o que os discípulos pensaram a respeito do que viram e ouviram: “Seus discípulos lembraram que está escrito: ‘O zelo de tua casa me devorará’” (Jo 2,17).

Trata-se da única citação textual do Antigo Testamento no texto do presente trabalho (Jo 2,1-22),¹¹⁷ constante do Sl 68,10 (LXX; 69,10 TM; em algumas versões modernas: 69,9),¹¹⁸ e que destaca o zelo, ou seja, o ardor, a paixão pela casa do Senhor. De início, não é difícil perceber que a interpretação dos discípulos a respeito dos gestos e palavras de Jesus não foi precisa. Jesus não se apresentava como uma espécie de zelota, defensor do Templo e do culto. Não se tratava de uma purificação ou algo do gênero. Mas é possível compreender a confusão ou incompreensão dos discípulos, por exemplo ao se pensar na figura do profeta Elias, o grande modelo de zelo na história de Israel, comparado a um fogo ardente, ou mesmo a multiplicação dos pães, com o profeta Eliseu.¹¹⁹ Felipe anunciara a Natanael que haviam

¹¹⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 152.

¹¹⁷ BEALE, G. K.; CARSON, D. A., Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 542.

¹¹⁸ RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.), Septuaginta. Editio Altera (2006); BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João. Vol 1(1-12), p. 324; HENDRICKSEN, W., João, p. 146; SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 209; SCHNACKENBURG, R. Il Vangelo di Giovanni, p. 502; BEUTLER, J., O Evangelho Segundo João, p. 89; CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 180; BEASLEY-MURRAY, G. R. John, p. 39; BOOR, W., Evangelho de João I, p. 78; BRUCE, F. F., João, p. 75; MALZONI, C. V., Evangelho Segundo João, p. 84; KONINGS, J., Evangelho segundo João: amor e fidelidade, p. 107; CARDONA RAMÍREZ, H., El Evangelio Según San Juan, p. 42; BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 109.

¹¹⁹ BEUTLER, J., O Evangelho Segundo João, p. 85.

encontrado o Messias esperado de quem os profetas falaram (Jo 1,45), e este por sua vez confirmou: “Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!” (Jo 1,49).¹²⁰

Os discípulos não alcançaram, naquele momento, a dimensão da atuação de Jesus, pois ele não viera, por zelo, reformar o Templo ou o culto. Antes, viera denunciar que aquele culto estava caduco e anunciar que seria substituído. Jesus estabelecerá a Nova Aliança que tomaria o lugar da Antiga Aliança, ligada ao Templo.¹²¹ Jesus não purificou o Templo ou as instituições, mas libertou as ovelhas, o povo, manifestando a glória de Deus, Pai amoroso e das misericórdias. Aqui, como afirma Dodd,

Os ouvintes (conforme a técnica costumeira de João) entendem a afirmação dentro dum estrito realismo, a fim de preparar o caminho para uma interpretação mais profunda. Esta interpretação mais profunda, acrescenta o evangelista, só pôde ser plenamente entendida à luz da ressurreição de Cristo (2,21-22).¹²²

3.3.2. Reação dos dirigentes

Na sequência da incompreensão dos discípulos, o texto relata a resistência e animosidade dos dirigentes, que desde o início do Evangelho são indicados como adversários e inimigos de Jesus. Os judeus, apresentados aqui por João de maneira generalizada,¹²³ questionam-no: “Responderam então os judeus e lhe perguntaram: ‘Que sinal nos mostras pelo qual fazes estas coisas?’” (Jo 2,18).

Estabelecidos no Templo (“sentados”, v.14), como seus donos, os dirigentes não admitem ter sua autoridade questionada. Para eles, tudo deve manter-se como está. Por isso, “veem em Jesus um rival e no seu agir uma intromissão”.¹²⁴ Sequer cogitam ouvir Jesus e considerar se sua repreensão é justa. Não lhes ocorre acolher a palavra dele, que traz também um convite à mudança de conduta (“Tirai isto daqui; não façais...”, v.16bc). Não percebem a precisão da crítica de Jesus. De fato, eles converteram a casa de Deus em

¹²⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 153-154.

¹²¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 154.

¹²² DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 394.

¹²³ MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 146: “O termo judeu/judeus não tem em Jo significado étnico, mas ideológico. (...) Quando o texto lhes atribui poder para tomar medidas repressivas, significa ‘os dirigentes’ (2,18 etc.).”

¹²⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 154.

mercado, e com isso suprimiram a presença divina. Como afirmam Mateos e Barreto, “anularam assim a função do Templo e a sua própria.”¹²⁵

Pedem um sinal não como quem espera recebê-lo, mas como quem questiona a autoridade e está seguro de que a ação de Jesus é indevida e não merece acolhida. À frente, mesmo diante dos muitos sinais (Jo 11,47), permanecem como o coração fechado e resistente.¹²⁶ O compromisso deles não é com a verdade, nem com Deus propriamente, mas com o lugar privilegiado que ocupam e que pretendem manter (Jo 11,48).

3.3.3. A resposta profética de Jesus

A esse pedido por um sinal que justificasse sua ação, Jesus responde aos dirigentes de modo surpreendente: “Destruí este santuário e em três dias o levantarei” (Jo 2,18cd). Ainda que de maneira velada, Jesus já aponta para si mesmo nessa sua palavra inicial. Fala de si, como é característico dos seus discursos no Evangelho de João.¹²⁷ A bem da verdade, essa resposta foi incompreensível para todos naquele momento. Os dirigentes julgaram, então, que sua exigência não foi atendida. Como já esperavam, Jesus não conseguiu dar sentido à sua atuação, que certamente consideraram indevida e descabida. Essa explicação de Jesus pareceu-lhes estéril e até esdrúxula, em certa medida, como se verá logo à frente.

Também para os seus discípulos, é preciso registrar, a resposta de Jesus foi incompreensível. Entretanto, foi tão forte o impacto que veio a causar neles, diante de sua ressurreição no terceiro dia, que o evangelista faz questão de registrar tal entendimento futuro já durante o relato do episódio, o que atenua um pouco a incompreensão geral daquele momento.

Note-se que a palavra do texto no discurso de Jesus é “ναός / santuário”, e não propriamente “ἱερόν / templo”, que aparecera duas vezes no início do relato (Jo 2,14.15). Essa palavra “ναός / santuário”, que podia referir-se genericamente ao Templo (por isso a confusão e incompreensão dos dirigentes), designava a tenda do

¹²⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 154.

¹²⁶ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 305.

¹²⁷ TUÑÍ, J.; ALEGRE, X., Escritos joaninos e cartas católicas, p. 75: “Jesus no Evangelho de João prega a si mesmo.”

deserto e, no Templo de Jerusalém, indicava mais precisamente o Santo dos Santos, o *Santuário interno* que simbolizava a presença de Deus.¹²⁸

O sinal que Jesus anuncia é, como se vê, sua morte e ressurreição em três dias, sua entrega total aos homens por amor e manifestação da glória de Deus, visto que “a morte fará dele o santuário único e definitivo.”¹²⁹ Jesus faz um anúncio que é também denúncia, e de certa forma lança-lhes um desafio: eles o matarão, mas não conseguirão destruí-lo; em três dias se levantará dos mortos. Este será o grande sinal: quando o Pai o levanta dos mortos, desautoriza o Sinédrio, que o condenou à morte, e reabilita Jesus, confirmando que é seu Filho e conferindo-lhe toda a autoridade no céu e na terra. Note-se, no entanto, que nas palavras de Jesus, ele mesmo levantará o *Santuário* (que é seu corpo) em três dias. Segundo Léon-Dufour, percebe-se que “Jesus, no v.19, fala simultaneamente do Santuário e de seu corpo”.¹³⁰ Como afirma Brown, “enquanto, nas primeiras formulações, Jesus é ressuscitado (por Deus) ou Deus o ressuscita, em João (2,19; 10,17-18), Jesus ressuscita a si mesmo. Isso reflete a tese presente em Jo 10,30: ‘Eu e o Pai somos um’.”¹³¹

3.3.4. Nova reação dos dirigentes

A reação dos dirigentes mostra em que âmbito estão. Pensam o Santuário, não como lugar da presença de Deus, mas apenas como edifício estabelecido que cabe a eles gerir como um negócio.¹³² Pensam no tempo de construção, nos gastos e esforços para sua edificação. O texto novamente generaliza¹³³ e atribui aos judeus a resposta a Jesus, em Jo 2,20: “Então disseram os judeus: ‘Em quarenta e seis anos foi construído este santuário, e tu em três dias o levantarás?’”

Os prazos extremos dessa pergunta retórica destacam o absurdo do intento de Jesus, segundo o julgamento dos dirigentes. Quarenta e seis anos é muito tempo, mais que uma geração, indicando a passagem do primeiro ao segundo Adão, “Jesus é o

¹²⁸ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 276; CASTRO SÁNCHEZ, S. Evangelio de Juan, p. 78; BRUCE, F. F., João, p. 76; KONINGS, J., Evangelho segundo João: amor e fidelidade, p. 108.

¹²⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 155.

¹³⁰ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João I, p. 204.

¹³¹ BROWN, R., Introdução ao Novo Testamento, p. 468.

¹³² MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 155.

¹³³ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 69: “O quarto Evangelho faz menos distinções entre escribas, fariseus, zelotes ou saduceus e engloba todos os remanescentes sob o nome de judeus.”

segundo Adão”;¹³⁴ três dias, mencionados por Cristo,¹³⁵ ao contrário, é um prazo extremamente exíguo, durante o qual não se consegue edificar nada de estável, se comparado com a magnitude e beleza do Templo que, naquele momento, tinham diante dos olhos.¹³⁶ O contraste sublinha a incompatibilidade entre Jesus e os dirigentes; mal há diálogo, não falam das mesmas realidades. O equívoco é patente: os dirigentes respondem quase em tom de deboche, e estão ainda mais seguros de que a palavra de Jesus não merece ser minimamente considerada. Mas Jesus já lhes deu a resposta. Disse tudo o que deveria, depois de agir também como deveria. O sinal já foi dado, e se é incompreensível e absurdo para os dirigentes, será, porém, compreendido na hora certa, por aqueles que devem acolhê-lo, a saber, seus discípulos.

3.3.5. O Novo Santuário

“Mas aquele falava do santuário do seu corpo” (Jo 2,21), indicando a que se referia naquele momento e situação.¹³⁷ O evangelista explica a palavra de Jesus e mostra que, longe de ser absurda, é anúncio profético do que irá acontecer com ele, após sua paixão: a ressurreição ao terceiro dia. O texto mostra que Jesus, desde o início do seu ministério, está perfeitamente ciente do que há de acontecer com ele, tanto no sentido de ser condenado à morte pelas autoridades judaicas (“destruí este santuário”, v.19c), como também no que se refere à sua ressurreição¹³⁸ (“em três dias o levantarei”, v.19d).

O corpo de Jesus designa, naturalmente, sua realidade visível. Após sua morte, José de Arimateia e Nicodemos sepultam-no conforme os costumes (Jo 19,38-40). Maria Madalena o há de procurar após o sepultamento, e ficará aflita por não o localizar (Jo 20,11-13). Mas como havia anunciado, após sua ressurreição este Novo Santuário ficará erguido e acessível a todos os que dele quiserem se aproximar, de modo a beber nele a água do Espírito (Jo 7,37-39). Segundo Mateos e Barreto, “o corpo, a humanidade de Jesus, é santuário porque contém a plenitude do Espírito de

¹³⁴ HAENCHEN, E., John 1 (Chapters 1–6), p. 184.

¹³⁵ BOOR, W., Evangelho de João I, p. 79.

¹³⁶ SCHNACKENBURG, R. II Vangelo di Giovanni, p. 506.

¹³⁷ BROWN, R. E., Comentário ao evangelho segundo João, p. 314; KONINGS, J., Evangelho segundo João, p. 109.

¹³⁸ BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 109.

Deus (1,32).¹³⁹ Na cruz, Jesus entregará o Espírito (Jo 19,30.34), e assim comunicará esse dom a todos.

Outro texto do IV Evangelho que tem ressonâncias com essa palavra de Jesus está no seu diálogo com a Samaritana. Logo que reconhece que está diante de um profeta, ela pergunta a ele sobre o local apropriado para prestar o devido culto a Deus E Jesus lhe ensina, em Jo 4,21-23: “Nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai; (...) vem a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois esses são os adoradores que o Pai procura.” Não é difícil perceber a conexão entre essa palavra de Jesus à samaritana e sua profecia sobre o Santuário do seu corpo, em Jo 2,21.¹⁴⁰ Ainda, segundo Ratzinger,

A rejeição de Jesus, a sua crucifixão, significa ao mesmo tempo o fim desse templo. O período do templo passou. Chega um novo culto num templo não construído por homens. Esse templo é o seu Corpo: o Ressuscitado que reúne os povos e os unifica no sacramento do seu Corpo e do seu Sangue. Ele mesmo é o novo templo da humanidade. A crucifixão de Jesus é ao mesmo tempo a destruição do templo antigo. Com a sua ressurreição, começa uma maneira nova de venerar a Deus, já não sobre este ou aquele monte, mas “em espírito e verdade” (Jo 4,23).¹⁴¹

3.3.6. Desfecho da perícopre: a compreensão posterior dos discípulos

Os discípulos de Jesus, durante o episódio, demonstraram uma compreensão errônea da atuação do seu mestre e a reputaram zelo pela casa do Senhor. Só entenderam corretamente as ações e sobretudo as palavras de Jesus bem depois, quando de sua ressurreição, três dias após a cruz e sepultamento.¹⁴² O relato conclui-se assim, em Jo 2,22: “Quando então foi levantado dos mortos, os seus discípulos lembraram isto que dizia, e creram na Escritura e na palavra que disse Jesus.”

Compreendendo que Jesus é o Novo Santuário, percebem também o erro de sua interpretação anterior. Esse erro de julgamento a respeito do papel a ser

¹³⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 156.

¹⁴⁰ BEALE, G. K.; CARSON, D. A., Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 546.

¹⁴¹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré – da entrada em Jerusalém até a Ressurreição, p. 31.

¹⁴² MATEOS, J.; BARRETO, J., Vocabulário teológico do Evangelho de São João, p. 86. Como também em Jo 12,14-16; 20,9, os discípulos só entendem a referência a uma passagem após a morte e ressurreição de Jesus.

desempenhado por Jesus os acompanha durante o ministério do seu mestre, enquanto caminham com ele. Já haviam manifestado que Jesus de Nazaré era aquele de quem falara Moisés na Lei, o Filho de Deus e Rei de Israel (Jo 1,45-49). Mais à frente, vendo o sinal extraordinário e inegável da multiplicação dos pães, querem levá-lo e proclamá-lo rei, e Jesus precisou retirar-se para evitar esse engano (Jo 6,14-15). Não por acaso, pouco depois dessa recusa, muitos discípulos o abandonam (Jo 6,60-66). E mesmo naqueles que permaneceram com Jesus, a adesão a ele se via mesclada ao apego às suas tradições, o que gerou tensões e incompreensões. De acordo com Mateos e Barreto,

Mesmo os que optam decididamente por ele (6,67-71) não renunciarão à sua ideologia, como se vê claramente no caso de Pedro na oportunidade do lava-pés (13,8-10), por sua arrogância em querer morrer por Jesus (13,36-38), em sua tentativa de ataque no horto (18,10-11) e em seu desânimo perante a prisão de Jesus, que o leva a negar sua identidade de discípulo (18,15-18.25-27).¹⁴³

Se Jesus é o Messias esperado, a Nova Aliança é estabelecida e o Templo é substituído pelo próprio Senhor. Não se trata de rejeitar o Templo porque fora profanado, na linha dos profetas e da comunidade de Qumran, contemporânea da Igreja primitiva. Mais do que isso, “os cristãos recusam o templo porque Jesus veio.”¹⁴⁴

Ainda um registro, sobre o último versículo da perícopa: “ὅτι τοῦτο ἔλεγεν /isto que dizia” (22c). Note-se o verbo “ἔλεγεν /dizia”. A crítica textual é robusta nesse sentido, não há variantes textuais significativas que o desabonem. O tempo imperfeito sugere que Jesus costumava dizer isso, ou pelo menos que o tenha dito algumas vezes, e não apenas em uma única ocasião. Considerando que, segundo o testemunho de João, Jesus esteve no Templo em outras oportunidades (Jo 5,1.14; 7,14; 10,23), é razoável levantar essa hipótese. Não há como saber ao certo, mas é possível que sim, levando em conta o tempo verbal escolhido pelo evangelista.

Conclusão

¹⁴³ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 157.

¹⁴⁴ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 306.

Se é em Jesus que habita a plenitude da glória de Deus (Jo 1,14.17), as instituições oficiais de Israel estariam caducas e em vias de serem superadas.¹⁴⁵ Jesus anuncia, com seu primeiro sinal em Caná, que haverá de estabelecer com a humanidade uma Nova Aliança e, portanto, a antiga perde sua razão de ser. Passando a Antiga Aliança, tudo o que lhe é anexo também é superado, com destaque para o Templo em Jerusalém, com os sacrifícios que lhe eram próprios. Jesus o demonstra logo em seguida, com a expulsão dos vendilhões: “Este sinal serviu como um gesto pedagógico do Reino que chegava para transformar a água deteriorada em talhas de pedra, para um vinho novo, em vasos humanos.”¹⁴⁶

Assim como as talhas eram de pedra, pesadas e imóveis, também a Lei mosaica, gravada na pedra, tornara pesada a relação com Deus, baseada não no amor, mas no duro cumprimento das exigências legais, permanecendo no rigor da letra e se distanciando da beleza e frescor de seu espírito, em prol da compaixão visceral de Deus. Como as talhas estavam vazias, assim também os dirigentes esvaziaram o sentido do culto e dos sacrifícios. Jesus dá acesso a Deus, e o mostra como Pai amoroso que gratuitamente dá seu Espírito e sua vida a seus filhos, em vez de exigir holocaustos e sacrifícios reparadores.

Jesus traz o vinho novo do Espírito, sinal do amor e da alegria da filiação divina, quando tudo parecia estar chegando ao final e sem mais possibilidade de continuar a alegria da vida. Assim, o homem é renovado não externamente ao lavar ou purificar as mãos, mas a partir do seu interior, bebendo o vinho novo do Espírito. Esse é o vinho melhor, incomparavelmente melhor que o vinho inferior, e incompatível com a água para a purificação. Essa incompatibilidade fica clara também pelo fato de Jesus soltar os *bois* e as *ovelhas*, sinal da libertação que há de trazer ao povo.

Se Deus habitava o Templo, é substituído por Jesus, novo Templo em quem está presente o Pai. Como afirmam Mateos e Barreto, “Deus relaciona-se com o homem dando-lhe vida, não exigindo morte; habitará no próprio homem, não em edifícios.”¹⁴⁷ Da mesma forma, as *pombas* presas são imagem do povo que precisa subir ao Templo para encontrar a Deus, mas não mais o encontra; opõem-se à pomba do Espírito, que livremente desce do alto e repousa sobre Cristo no batismo (Jo 1,32). Jesus, Novo Santuário da presença de Deus para todos, recorda os

¹⁴⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 157.

¹⁴⁶ MAZZAROLO, I., Nem aqui, nem em Jerusalém, p. 73.

¹⁴⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 157.

primórdios, quando não era Israel que subia ao Templo em Jerusalém, mas o próprio Deus que descia à tenda no deserto, e acompanhava com sua glória o povo a caminho.

Assim, a atuação de Jesus nas bodas em Caná e no Templo em Jerusalém são sinais que expressam, já no início do seu ministério, a mesma verdade fundamental: Cristo veio inaugurar uma nova ordem na relação dos homens com Deus, sendo ele próprio a Nova Aliança e o Novo Templo, Santuário da *Shekinah* divina, aquele que traz o vinho novo deste novo momento na história da relação entre Deus e seus filhos e filhas (Jo 2,2-12). O evangelista há de aprofundar o tema nos dois grandes discursos seguintes, com Nicodemos e com a Samaritana.¹⁴⁸

Referências bibliográficas

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BEASLEY-MURRAY, G. R. **John**. Word Biblical Commentary 36. Nashville: Thomas Nelson, 1987.

BEUTLER, J. **O Evangelho Segundo João**. São Paulo: Loyola, 2016.

BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A. **L'Évangile de Jean**. Synopse des Quatre Évangiles en Français, Tome III. Paris: CERF, 1977.

BOOR, W. **Evangelho de João I. Comentário Esperança**. Curitiba: Evangélica Esperança 2002.

BROWN, R. E. **Comentário ao evangelho segundo João**. Vol 1(1-12): Introdução, tradução e notas. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.

BROWN, R. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2012.

BRUCE, F. F. **João**. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1987.

CARD, M. **John – the Gospel of Wisdom**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2014.

¹⁴⁸ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 396.

- CARDONA RAMÍREZ, H. **El Evangelio Según San Juan**. Rasgo Bíblico y Teológico. Medellín: UPB, 2015.
- CARSON, D. A. **O Comentário de João**. São Paulo: Shedd, 2007.
- CASTRO SÁNCHEZ, S. **Evangelio de Juan. Comentário a la Nueva Biblia de Jerusalén**. Espanhã: Desclée De Brouwer, 2008.
- DODD, C. H. **A Interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Teológica, 2003.
- FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos (II)**. São Paulo: Loyola, 1998.
- GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do *Corpus Joânico* no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, v. 52, n. 3, set./dez.2020, p. 681-704. Disponível em: <<https://doi.org/10.20911/21768757v52n3p681/2020>>. Acesso em: 12 fev. 2023.
- GONZAGA, W. “Nascido de Mulher” (Gl 4,4), **Horizonte**, Belo Horizonte, MG, v. 17, n. 53, p. 1194-1216, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2019v17n53p1194>>. Acesso em: 12 fev. 2023.
- HAENCHEN, E. **John 1 (Chapters 1–6)**. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible. Philadelphia: Fortress Press, 1984.
- HENDRISKSEN, W. **João**. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- JAUBERT, A. **Leitura do Evangelho Segundo João**. Caderno Bíblico. São Paulo: Paulinas, 2014.
- KONINGS, J. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KONINGS, J., **Encontro com o Quarto Evangelho**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho segundo João I**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MALZONI, C. V. **Evangelho Segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João: Análise Linguística e Comentário Exegético**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MAZZAROLO, I. **Nem aqui, nem em Jerusalém**. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2000.

MEYNET, R. **L'Analyse Retorica**. Brescia: Queriniana, 1992.

MEYNET, R. A análise retórica. Um novo método para compreender a Bíblia. **Brotéria** 137, p. 391-408, 1993.

MEYNET, R. I frutti dell'analisi retorica per l'esegesi biblica. **Gregorianum**, v.77, n.3, p. 403-436, 1996.

MEYNET, R. La retorica biblica. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.24, n. 65, p. 431-468, mai./ago.2020. Disponível em:
<<https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.49825>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MEYNET, R. **Trattato di Retorica Biblica**. Bologna: EDB, 2008.

NESTLE-ALAND (Eds.), **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

ORLANDO, L. **Giovanni. I Vangelo dela Vita**. Bari: Ecumenica Editrice Scrl, 2022.

PAGOLA, J. A. **Jesus – Aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

PÉREZ MILLOS, S. **Juan: Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento**. Barcelona: CLIE, 2016.

RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). **Septuaginta: Editio Altera**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2006.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. São Paulo: Planeta, 2011.

RATZINGER, J., **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2023v4n7p131

SCHNACKENBURG, R. **Il Vangelo di Giovanni**. Parte Prima, IV/1. Brescia: Paideia, 1973.

SIMOENS. Y. **Secondo Giovann**: Una Traduzione e un'interpretazione. Bologna, 2002

TUÑÍ, J.; ALEGRE, X. **Escritos joaninos e cartas católicas**. São Paulo: Ave Maria, 2007.

ZUMSTEIN, J. **Il Vangelo secondo Giovanni**. Vol 1: 1,1–12,50. Torino: Claudiniana, 2017.

Waldecir Gonzaga

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma –
Itália
Diretor e Docente do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil

Bruno Guimarães de Miranda

Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro.
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: padrebrunoguimaraes@gmail.com

Recebido em: 16/02/2023

Aprovado em: 26/05/2023